

Braúlio Rodrigues é um dos trabalhadores mais ativos da Baixada Fluminense. Lavrador, foi preso 32 vezes pelo Exército só porque defendia o direito da terra

Baixada

Pobre, atrevido, independente — nº 5

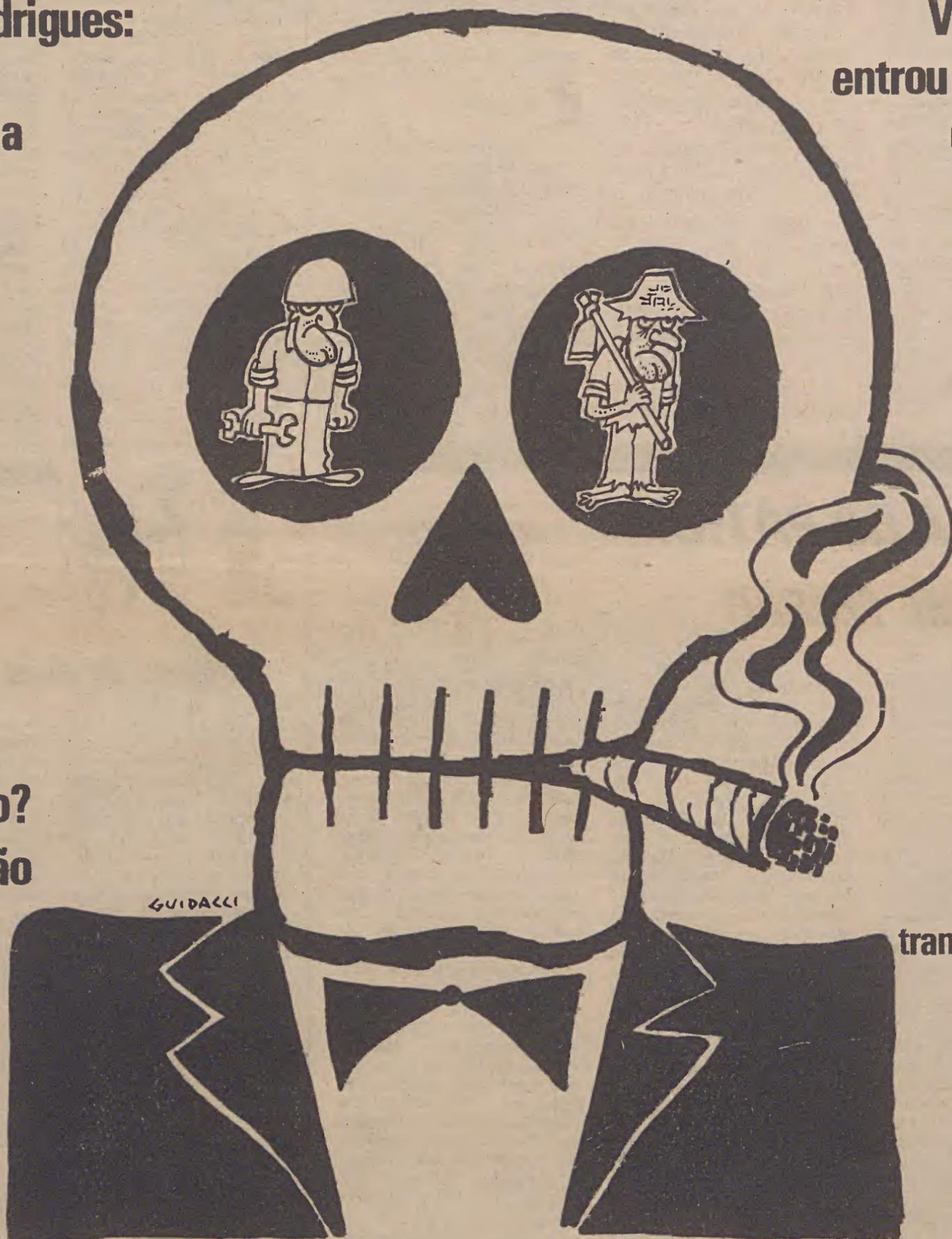
Braúlio Rodrigues:

Exército me forçou a vender o sítio.

página 3.

Vila Rosali entrou na briga: dona Rita conta.

página 6



Qual é a do patrão? Tomé Ferrão diz qual é.

página 2.

Cultura operária é lá no Cecut. Vai nessa.

Última página.

Meditações transcendentais do professor Dementel.

página 6.

Pau comeu em 79.

páginas 4 e 5.

E os homens não aprendem.

Mão estendida mata mais um.

Já é bem conhecido o tratamento que o povo trabalhador recebe das autoridades de nosso país. Como se não bastasse vender nossas horas de trabalho a preço de banana, que nem dá pra sustentar nossas famílias, suportamos uma série de privações. Podemos dizer que somos privados de tudo. Até mesmo de reivindicar um pouco de justiça. Reivindicar um salário melhor é visto como um crime que pode ser vingado até com a própria morte pelos guardas da sociedade.

Na última greve dos metalúrgicos paulistas, o operário Santo Dias da Silva foi assassinado a tiros na porta da Fábrica Silvana empresa norte-americana, no bairro de Santo Amaro, em São Paulo, na tarde do dia 30 de outubro.

"Eu me orgulho de ter estado junto com meu companheiro Santo até aquela última hora de sua vida", foram as palavras de Ana Maria do Carmo Silva, esposa do operário morto aos 37 anos.

A política da "mão estendida" do governo

de Brasília tem os braços espalhadas em cada canto do país e fez sentir seu peso poucos dias depois. O templo católico que abrigava o comando da greve da Zona Sul de São Paulo foi atacado pelos policiais.

E perguntamos: até onde podemos suportar? Santo está morto. Mas seus filhos vivem. São agora filhos de todos nós da classe trabalhadora, a quem temos que apresentar a herança de um mundo novo, o mundo com o que Santo certamente sonhava.

QUAL É A DO PATRÃO? TOMÉ FERRÃO

Vou falar de um troço complicado, mas que afeta a vida de todo mundo: grana, bufunda, tutu, erva, capim, vil metal. Dinheiro, meu irmão, dinheiro. Como é que ele vai para o bolso do patrão, como é que ele fica por lá e não volta para o nosso bolso de jeito nenhum. Contar as mutretas que os homens aprontam e ninguém fica sabendo. Você só sente o bafo no cangote, sem perceber direito o que está acontecendo.

Falar que o dinheiro anda curto não explica tudo. E para explicar que o nosso dinheiro só tem passagem de ida vamos esclarecer uma outra palavrinha chamada "Economia". O que o pessoal do "Job" quer de mim é destrinchar o que acontece na direção da empresa, nos gabinetes do Delfim Neto. Na cabeça do monstro. E pau nele. Às vezes, um artigo pequenininho numa lei que o Delfim apronta muda tudo. Não vai ser fácil. Eu tenho que ver lá que coisinha pequenininha é esta que abre um buraco no dia a dia do trabalhador.

Economia, veja você, é uma palavra grega. Antigamente, mas muito antigamente, lá pelos tempos da Idade Média — 1.200 anos depois de Cristo — os filósofos cristãos usavam "oikonomia". E isto queria dizer o "problema de organizar a "oikos". "Oikos" significava a "casa". Podia ser uma pequena vila, uma fazenda, ou mesmo um grupo de pessoas que reparariam um mesmo teto. Tudo que os filósofos antigos estudavam, do ponto de vista econômico, era a descoberta de uma maneira, um método, ou várias maneiras e métodos, de organizar a sociedade com sabedoria. Existia sempre a preocupação de melhorar a sociedade, de favorecer o bem-estar de todas as pessoas, sem distinção. O filósofo grego Aristóteles e o pensador cristão São Tomás de Aquino, por exemplo, pensavam que a finalidade da economia tinha que ser esta: o bem social.

Hoje, os tempos mudaram. A sociedade e os países ficaram mais com-

plexos de administrar. Um economista moderno, só para se ter uma idéia, tranca-se no seu gabinete, analisa números feito doido e não quer saber de outro resultado que não seja o lucro. Adivinhe de quem? Lucro do patrão, é claro.

Quem paga imposto?

O patrão não paga. Mas o trabalhador é descontado na hora que vai receber. Quem diz isso é o próprio Delfim Neto, Ministro do Planejamento. Pode uma coisa dessas? Pior é que pode. O exú do Planejamento disse assim mesmo: "Hoje, realmente, a empresa só paga imposto se é incapaz de contratar um bom contador." E o que tem de contador pilantra ajudando patrão é uma grandeza. Olha só que belo serviço os malandros fizeram. De janeiro até agosto deste ano, as empresas pagaram **ménos 28,7%** de impostos que deveriam pagar. São bilhões de cruzeiros. Figueiredo não tem desculpa. Ele vive por aí dizendo que o país não tem dinheiro. É só cobrar de quem não pagou. O Governo sabe direitinho quem é. Mas não vai cobrar nunca. O Governo e os donos das empresas são todos compadres e comadres. É uma beleza de camaradagem. Quem paga a conta da festa é o trabalhador. O Figueiredo, vamos deixar de papo furado.

Nem as igrejas eles respeitam mais.

Duas igrejas de Nova Iguaçu — a Catedral de Nova Iguaçu e a Igreja Santa Clara — amanheceram pichadas, no dia 9 de novembro, com ofensas a Dom Adriano Hypólito, o Arcebispo Diocesano. Os pichadores acusaram o bispo de comunista, que as igrejas da Diocese eram sedes do Partido Comunista e outras ofensas impúblicáveis.

A Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese emitiu uma nota protestando contra a selvageria. Dom Adriano recebeu a solidariedade dos católicos que estão sob sua responsabilidade apostólica e de todos aqueles que, de outras religiões ou sem credo religioso, admiram e

apoiam sua ação em favor dos pobres, maioria da população do município.

É bom lembrar que Dom Adriano já foi vítima de uma ação típica de terrorismo da direita. Em 1976, ele foi seqüestrado, ameaçado de morte, humilhado e abandonado nu, o corpo pintado de vermelho, numa rua deserta. E nunca mais se teve nenhuma notícia de seus seqüestradores. A polícia, tão pronta a desmantelar organizações classificadas por ela de "subversivas" e — quando lhe convém — quadrilhas de bandidos, não conseguiu até hoje descobrir os autores da infância. Será que vai acontecer a mesma coisa agora?



AGORA ESCREVO EU

Botijões da dona Fernanda.

Oi, Job:

Só mesmo através de vocês é que a gente consegue denunciar os nossos problemas. Como o que está acontecendo em Vila Rosali, São João do Meriti, que está apertando ainda mais o cinto da gente.

É que metade do gás que vem pelo caminhão fica com Dona Fernanda, moradora da rua Carioca, que depois revende o botijão mais caro. Como se já não bastasse o preço do gás no caminhão que já é um absurdo!

A dona Fernanda corrompe os trabalhadores do caminhão com cervejas e simpatias. E assim consegue

deixar todo o pessoal da redondeza sem gás, obrigando todo mundo a comprar com ela, pagando mais.

Assim é muito fácil ganhar dinheiro, explorando ainda mais o povo. Como se já não bastasse a exploração de todo dia no nosso salário.

Sei que podemos contar com o Jornal da Baixada porque é um jornal da gente. Dona Fernanda tem que entender que não pode explorar os seus próprios vizinhos.

Um abraço pra vocês.

José Higino

OLHO VIVO



EDITORA

JORNAL DA BAIXADA
Uma publicação da Olho Vivo Editora Ltda.
Av. N.S. das Graças, 138/305 — S.J. de Meriti
CGC: 30.607.319/0001-01
Tiragem: 3.000 exemplares
Editor: Alceu Nogueira da Gama
Diagramação: Caco Appel
Colaboração de Demasi e Pimentel
Capa: Desenho de Guidacci
Ilustrações: Cláudio Palva
Composto e Impresso na Editora Mory — Rua do Resende, 65/67 — RJ



Bráulio Rodrigues é um dos trabalhadores mais ativos da Baixada Fluminense. Lavrador, foi preso 32 vezes pelo Exército só porque defendia o direito da terra para os camponeses. Forçado a vender seu sítio, foi morar em Nova Iguaçu. Hoje, Bráulio é um dos principais animadores do Movimento Amigos de Bairro. Cinquenta e sete anos, duro na queda e de boa cabeça, ele vai falar das lutas que já viveu.

Job: Vamos começar pela história de sua vida, de onde você veio, onde nasceu, como veio pra cá.

Bráulio: Eu sou mineiro, de Januária. Com a idade de 4 anos, fiquei órfão de pai e mãe. Fui internado pelos parentes num asilo de menores, em Belo Horizonte. Aí aprendi a profissão de sapateiro. Era responsável pelo serviço da horta. Quando fiz 14 anos, tive que sair e não tinha lugar para ficar. A coisa mais fácil que eu achei para fazer foi vender jornal.

Job: Isto em que época?

Bráulio: Em 33, 35. Eu nasci em 1922. Depois eu fui pra Volta Redonda. Lá eu vendia laranjas. Depois fui ser apontador na siderúrgica de Volta Redonda. Naquela época, ali não tinha mão-de-obra e vinha gente de todo lado, da Bahia, Minas. Era gente bem atrasada. Como eu tinha uma certa vivência de garoto e alguma leitura — só o curso primário — então fui ser apontador. Trabalhei um tempo em Volta Redonda e assistia muita injustiça lá. Eu achava aquilo muito desumano e comecei a protestar. Aí me puseram pra fora. E eu vim pra Nova Iguaçu. Fui pro campo, em Pedra Lisa. Fui pra lá porque soube que estavam distribuindo terra.

Job: E tinha sindicato de trabalhadores rurais naquela época?

Bráulio: Não era sindicato, era Associação. Mas eu só comecei a participar da Associação quando o seu presidente fundador, Zé Matias, foi assassinado pelos fazendeiros da época. Isso foi em 1949, 50. Nós continuamos a distribuir terras, mas para ter direito à terra, tinha que ser sócio da Associação. Por dois motivos: primeiro, porque era uma maneira de dar consciência à pessoa que estava ali. E, segundo, porque era uma maneira da associação sobreviver. Eram mais ou menos 300 sócios.

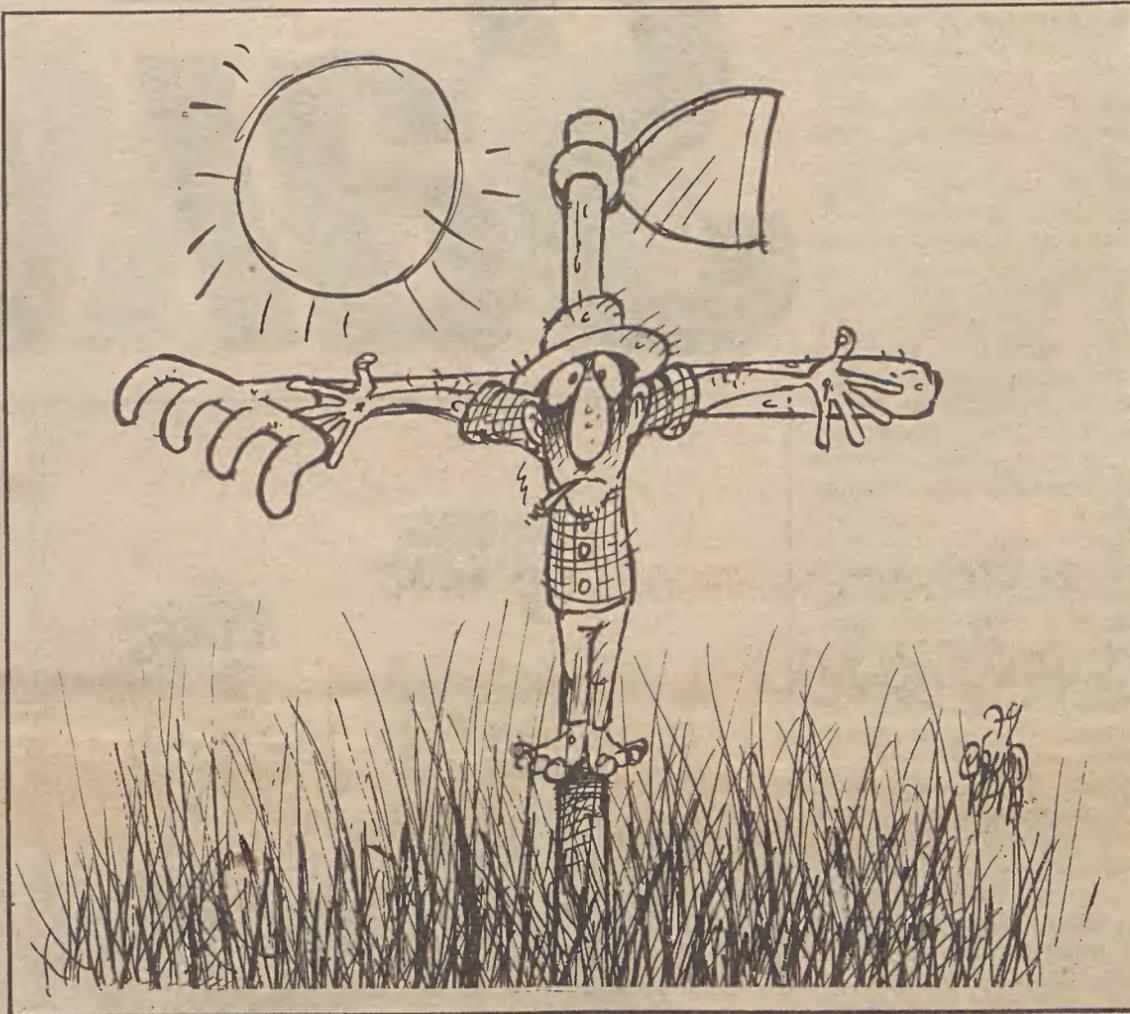
Job: O que era necessário para uma pessoa receber a terra?

Bráulio: Era preciso se comprometer a morar ali. A gente pedia que construísse logo o barraco para consolidar a ocupação. E que plantasse bens de raízes, como laranjeiras, bananeiras.

Job: E nunca houve problemas com grileiros?

Bráulio: Ah, sim. Quando os grileiros começaram a ver chegar todo aquele pessoal, aí começou a aparecer gente dizendo que era dono daquele lugar. Então houve vários conflitos. Os principais grileiros na época foram o Conde Modesto Leal, companhia Normandy, Dr. Vilela Junqueira, fora os grupos de Nova Iguaçu também. Antes de 64 houve um despejo violento. Queimaram casa, mantimentos nos paióis, etc.

“..E Zé Matias foi assassinado pelos fazendeiros”.



Job: Houve solidariedade a vocês por parte de sindicatos?

Bráulio: Na época tivemos apoio do sindicato de metalúrgicos do Rio, da construção civil, da borracha. Eles doavam remédio, agasalho, roupa. Infelizmente, existiam várias associações de lavradores nessa época mas não havia intercâmbio entre elas. Até que em Caxias surgiu a idéia de fazer a Federação de Lavradores do Rio, através do companheiro Zé Pureza. Fizemos uma primeira reunião em Niterói e formamos a primeira Federação dos Lavradores do Estado do Rio, em 1962.

Job: E o que foi feito da Associação?

Bráulio: Depois de 64, acabou a Associação. Fecharam o posto médico, metralharam a escola e ficaram acampados lá durante quase um ano. Prenderam muitos lavradores, prisões de poucos dias. Depois tornavam a prender. Durante todo esse período, fui preso 32 vezes pelo Exército. Fui julgado em três inquéritos e absolvido em todos eles. Mas o Exército achava que eu não podia ser absolvido, que eu tinha que pagar alguma coisa. Aí começaram a me perseguir. Eu ia

pro campo, eles iam lá e me prendiam. Isso de 66 a 74.

Job: Até 74, você continuava em Pedra Lisa?

Bráulio: Continuava e ia continuar. Ia ficar no meu sítio. Mas fui chamado na Vila Militar e me disseram: “O senhor não pode mais ficar lá”. Me fizeram passar o sítio obrigado. Aí eu tive que vir pra Nova Iguaçu.

Job: E começou a trabalhar em quê?

Bráulio: Comprei uma carroça e passei a fazer feira num lugar onde os próprios lavradores fazem feira. Comprava a mercadoria em Tinguá. Assim estava sempre em contato com os lavradores, ouvindo, conversando, trocando idéias.

Job: Você continua fazendo feira até hoje?

Bráulio: Não. Enquanto eu podia comprar mercadoria direto, mais acessível, eu fazia feira. Mas depois fiquei com a carroça apenas pra fazer frete. Faço mudança, carregue areia, etc. Esse é o trabalho que eu faço. É desse trabalho que eu vivo.

Job: E já que estamos na cidade, como foi que começou o movimento Amigo de Bairros?

Bráulio: O Movimento Amigo

de Bairros — MAB — surgiu de um comunicado que a igreja, o padre João e padre Renato, distribuíram aqui na Paróquia. Foi marcado uma reunião, em 78, onde compareceram 800 pessoas para discutir esse comunicado. Eu me peguei muito em dois pontos: “Quais as causas reais e profundas desses problemas” e “diante desses problemas não podemos fazer nada, ou juntos podemos encontrar a saída?” Então, nós, da comunidade, resolvemos criar aqui uma organização para desenvolver o trabalho no bairro. Foi aí que eu ingressei no MAB. Criamos a Associação do Bairro Monte Líbano e Jardim Tropical.

Job: O que a associação está fazendo agora?

Bráulio: Aqui o poder dela é um pouco limitado. Ela ainda não tem estrutura para fazer muita coisa. Não tem sede própria. Agora, em termos de reivindicações, o que temos conseguido aqui, por exemplo, é mais em termos de protesto. Quando o General Figueiredo foi inaugurado uma escola para excepcionais, eles ainda não tinham feito as galerias de esgoto. A Prefeitura, com uma verba cedida pela FUNDREM

(Fundação do Desenvolvimento do Estado do Rio), tapou as valas com tábuas e encheu de pó de pedra por cima. Naturalmente, para que o presidente não visse os buracos. Então nesse dia, a Associação botou um alto-falante nas ruas pra explicar ao povo como estava sendo usado o seu dinheiro. Ao invés de fazer os esgotos, o Prefeito gastou mais de 150 mil pra tentar tapar o Presidente. A sorte do prefeito foi que antes da inauguração um caminhão passou por lá e caiu dentro da vala. Aí eles tiveram o cuidado de colocar um corrimão em volta pra ninguém passar por ali, nem o Figueiredo.

Job: O MAB é talvez a organização popular mais importante de Nova Iguaçu.

Bráulio: Na minha opinião pessoal já é época do MAB passar a entender um pouco o porque do abandono dos bairros. Existe uma razão que é política. Já é hora do Movimento ser reivindicatório mas agir também politicamente. Porque a gente quer a vala, a manilha, luz, água, mas existe um porém. Não existe isso, mas existe a causa disso. Isso é política. Porque quem manipula tudo isso é o modelo político que está nas mãos de um determinado grupo. Daqui pra frente o bairro tem que conhecer a coisa politicamente. O que é isso, porque estamos passando por isso. Então, a gente pode chegar e dizer porque a Praça da Liberdade em Nova Iguaçu sofreu 3 remodelações em 4 anos empregando dinheiro do povo. E porque os bairros com 30 anos ainda nunca viram uma máquina passando pra nivelar as ruas. Isso é política. Porque o centro de Nova Iguaçu é o centro do governo, do comércio e o poder do dinheiro ali é muito grande. Como o bairro apenas paga o seu imposto e, às vezes, nem paga porque não pode pagar — o que é justo porque não tem benefício nenhum — o dinheiro que ele paga ali é aplicado na Praça da Liberdade. Essa é uma questão política que tem que ser mostrada ao povo dos bairros. Se não fizer isso, o Movimento não avança.

Job: Agora, você podia dizer o que acha do nosso movimento sindical?

Bráulio: O que eu estou achando muito importante no movimento sindical brasileiro é a renovação, não só de idéias como de idade. Eu estive no encontro sindical de Niterói, e tive a oportunidade de conversar com vários dirigentes sindicais. Minha preocupação era saber a idade deles. Dos 300 e pouco dirigentes que estiveram lá, sem medo de errar, 80% era da fase de 64 pra cá. Isso eu acho um aspecto muito importante. Eles não viveram a era antes de 64. Não trouxeram vícios nenhum. Eles viveram a era do terror, da opressão. Antes de 64, tinha liberdade sindical, de imprensa, etc. Esses novos não viveram essa liberdade, estão começando a sentir algum ar de liberdade agora. Outra coisa: esse movimento está nascendo da raiz. Antes de 64, muita gente não tinha preocupação com base. Geralmente, a cúpula quase não aceitava o que a base decidia, ela se julgava auto-suficiente. Hoje a cúpula tenta trabalhar de acordo com as bases.

Para os atuais governantes do país, o Brasil é uma propriedade que deve ser dirigida com cuidado e atenção: mudam as leis, afagam a cabeça das crianças, conversam solenemente em seus gabinetes e escritórios refrigerados sobre os destinos da gente. Planejam enriquecer mais e ficam matutando como podem continuar dando migalhas em troca de trabalho duro.

Mas quem está debaixo sabe o peso que tem por cima. E reclama. E, visto da posição dos trabalhadores, o Brasil é hoje um país no qual a maioria da população vive sacrificada, sem direitos, cheia de problemas. Ninguém está satisfeito. Mas o que diferencia o Brasil de hoje do país dos sonhos dos donos do poder é que o desejo de mudança não aparece mais só individualmente. Agora, os trabalhadores da cidade e do campo estão aprendendo que a solução do problema não pode ser só cada um "se virar" por sua conta. A melhoria geral só vem quando todos se unem para reivindicar seus direitos.

O desejo de mudar aparece nas greves, nos movimentos populares por uma melhor habitação e pela diminuição do custo de vida, nas lutas pela terra. As lutas dos trabalhadores da cidade e do campo são o retrato do Brasil de hoje.

As ondas de greves que se iniciaram em 1977 marcaram o início de uma nova etapa na história recente do Brasil. Depois de quase dez anos de resistência surda dentro das fábricas, os trabalhadores tiveram condições de usar uma arma fundamental: parar as máquinas, interromper o trabalho.

O Rio de Janeiro, incluindo os municípios da Baixada Fluminense, mostrou que estava também insatisfeito com as condições de trabalho, com os baixos salários e com a falta de segurança no trabalho. Somente em 1979, tivemos a greve dos lixeiros, a greve dos motoristas de ônibus, a greve dos professores e, no setor operário, as greves na área metalúrgica: a greve da FIAT e a greve dos 250 mil metalúrgicos da área metropolitana.

Todas essas greves conseguiram aumentos superiores aos índices oficiais do governo. Os lixeiros tiveram mais de 100% de aumento e receberam material de segurança e higiene do trabalho sem desconto. Os

Não dá mais pra segurar.

Sai de Baixo.

motoristas de ônibus paralisaram a vida da cidade, mostrando que os trabalhadores que têm sob sua responsabilidade o transporte de milhões de pessoas não podem receber salários míseráveis e trabalhar doze, quatorze, dezesseis horas por dia.

Outro movimento importante foi a greve da FIAT, quando os trabalhadores da multinacional italiana pararam durante quase uma semana reivindicando aumentos superiores ao índice oficial (parcialmente atendidos) e a readmissão de um trabalhador que havia sido despedido arbitrariamente por causa de sua atuação sindical.

Pouco depois, houve a greve dos 250 mil metalúrgicos da área metropolitana, uma das mais bem organizadas dos últimos tempos. As mulheres, tanto as metalúrgicas quanto as esposas de metalúrgicos, participaram ativamente dos piquetes e se organizaram em alguns lugares para tomar conta dos filhos das trabalhadoras que estivessem em alguma mobilização. O entusiasmo dos piquetes, e sua organização, contribuiu muito para o sucesso da greve, evitando a ação de policiais e provocadores. A reivindicação principal, os 83% de aumento, não foi totalmente alcançada, ficando em 75% para o nível salarial mais baixo, mas a greve conseguiu outras conquistas importantes: pagamento da insalubridade sobre o piso salarial e não sobre o salário mínimo, não desconto de uniformes e equipamentos usados pelos operários.

Morar Melhor é o Objetivo Comum

Outro aspecto importante da mobilização popular na Baixada Fluminense é o da luta por melhores condições de moradia. Viver em casas que disponham de luz e água encanada, esgoto, pavimentação, transporte fácil, escolas para os filhos e outros benefícios que os pobres só se preocupam de instalar nas zonas mais ricas. E não ser explorado

pelas companhias financeiras que usam o dinheiro do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) para construir conjuntos que são vendidos por preços absurdos. Tudo isso é preocupação dos moradores da Baixada Fluminense.

Essas preocupações foram canalizadas através do Movimento Amigos de Bairro (MAB), e do Movimento dos Conjuntos, que cresceram muito em 1979. O Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu mostrou uma grande capacidade de organização e

mobilização, realizando assembléias, e levando diretamente ao prefeito do município suas reivindicações.

O movimento dos Amigos de Bairro também já está se expandindo para outros municípios da Baixada Fluminense. Em São João de Meriti, por exemplo, já foram fundadas várias associações, entre as quais a do bairro Eden e a de Vila Rosali.

O movimento dos conjuntos, uma parte dos Amigos de Bairro, também conseguiu importantes vitórias,

impedindo a continuação dos despejos de moradores das casas e apartamentos construídos com dinheiro do Banco Nacional de Habitação. Os moradores dos conjuntos chegam até o Ministério do Interior, Mário Andreazza, que mandou suspender os despejos já decretados. Ainda não foi possível, no entanto, encontrar uma solução global para o problema.

Luta Contra a Carestia Para Diminuir Lucro dos Patrões
Na Baixada Fluminense tudo é mais caro e de pior

qualidade. São poucos os supermercados e lojas bem equipadas, que se concentram no centro das sedes dos municípios. Nos bairros os moradores têm que depender de quitandas e birosocas que aumentam o preço dos produtos e são pouco sortidas. O Movimento contra a Carestia está se criando para lutar contra isso. Os trabalhadores sabem que o simples aumento dos salários só melhora a situação nos primeiros meses, pois logo é "comido" pelo aumento dos preços. É preciso, portanto,

lutar para que os preços continuem no mesmo nível, ao mesmo tempo em que se tenta aumentar os salários.

No Campo: A Luta Pela Terra

Enquanto os trabalhadores das cidades lutam contra a dominação dos patrões nas fábricas, os trabalhadores do campo enfrentam problemas diferentes: a luta pela terra, pela justa remuneração por seus produtos, pela assistência técnica e crédito.

Existem pontos comuns nos dois casos: a pobreza, a

exploração nas mãos dos poderosos, o domínio do governo que prejudica seus interesses. A questão da terra é outro ponto em comum: enquanto os lavradores lutam pela terra para poder plantar, os trabalhadores urbanos lutam pela terra sob a forma de moradias decentes.

Os lavradores também experimentaram diferentes formas de luta diante dos grandes proprietários. Alguns saem das terras, viajando para outros lugares mais distantes em busca de um pedaço de chão para plan-

tar. Outros, que escaparam da dominação dos fazendeiros para se tornarem posseiros, lutam contra os grileiros fazendo plantações permanentes e construindo casas nos terrenos para evitar o despejo sem indenização. Os trabalhadores agrícolas assalariados também fizeram uso da greve para defender seus direitos. Foi o caso recente dos trabalhadores da cana-de-açúcar em Pernambuco que organizaram uma greve vitoriosa.

No caso dos trabalhadores rurais posseiros sua resistên-

cia à expulsão da terra é enorme. Já chegaram a usar, várias vezes, formas de resistência armada contra os jagunços dos fazendeiros ou grileiros que tentam despejá-los.

Mais ainda do que nas cidades, as lutas dos trabalhadores rurais são silenciadas. Os grandes jornais não trazem notícias. Nada se sabe. Um levantamento feito pela Federação dos Trabalhadores da Agricultura do Estado do Rio de Janeiro (FETAG-RJ), divulgado recentemente, mostra que mais de 5.000 famílias de trabalhadores rurais estão em luta hoje contra diversas formas de opressão e exploração.

Em Duque de Caxias Inca Devolve Terras A Grileiros

Um dos casos citados pela FETAG-RJ é o da Fazenda Capivari, em Duque de Caxias, perto da fábrica da Fiat. A disputa das terras começou em 1950, atingindo mais de 2.000 famílias de lavradores. Os despejos judiciais prejudicaram mais de 10.000 pessoas.

A luta dos lavradores contou com amplo apoio dos operários da antiga Fábrica Nacional de Motores, hoje Fiat. Antes de 1964 a área foi desapropriada pela Superintendência de Reforma Agrária (SU-PRA). Mas depois de 1964 as autoridades devolveram uma parte das terras aos grileiros que se diziam seus donos — a Companhia ENCO. Resultado: novas expulsões, a utilização de jagunços por parte dos grileiros. O clima de tensão existe na área até hoje. Atualmente, os lavradores das áreas não devolvidas — mas ameaçadas — estão procurando meios eficazes de se defender do despejo.

Em Nova Iguaçu: Terra Distribuída

O município de Nova Iguaçu tem uma grande tradição de lutas camponesas. O lavrador Bráulio Rodrigues, (ver página 3), relata a experiência da região de Pedra Lisa, antes de 1964, quando a Associação

dos Lavradores distribuía terras para os trabalhadores — muitos deles vindos de outros Estados — que se dispusessem a trabalhar na lavoura.

Apesar da intensa repressão militar depois de 1964 os lavradores da região, assim como os de Engenheiro Pedreira e outras áreas adjacentes, conseguiram manter suas posses e não foram despejados. Hoje, reunidos no Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Iguaçu — reorganizado recentemente — os lavradores da região lutam por consolidar suas posses e obter os títulos definitivos.

E os lavradores de Nova Iguaçu ainda têm problemas no distrito de Teófilo Cunha e na Estrada de São Pedro, sempre contra a companhia Fazendas Reunidas Normandie, uma das principais empresas grileiras da região.

Em Teófilo Cunha, numa área de mais de 130 alqueires (520 hectares) onde vivem cerca de 100 famílias, a companhia Normandie está tentando expulsá-las, apesar de não ter nenhum direito sobre essas áreas. Os posseiros vivem lá há mais de vinte anos e sua produção abastece as feiras de Nova Iguaçu, Queimados e Caxias. Além da empresa grileira, os posseiros são também perseguidos pelo IBDF — Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal. Esse organismo do governo, que deveria evitar a devastação provocada pelas grandes madeireiras brasileiras e multinacionais, perde seu tempo perseguindo os pequenos posseiros no Estado do Rio. O pretexto é que estes desmatam pequenas porções de terra para fazer seus plantios. Muitas vezes, o IBDF age de forma violenta, prendendo posseiros com guardas florestais especiais. Ou mandando a polícia agir contra os lavradores.

Outra área em conflito em Nova Iguaçu é a da Estrada São Pedro. Lá vivem cerca de 40 famílias há mais de vinte anos. A companhia Normandie também reivindica esse terreno, mas o governo do Estado do R.J. não reconhece nenhum de seus direitos. Tanto é assim que o Governo estadual já tentou doar os terrenos à APAE — Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais — Entidade filantrópica. Os lavradores protestam contra a tentativa de vestir um santo tirando a roupa do outro. Não se pode ajudar uma entidade de beneficência prejudicando centenas de pessoas que fazem a terra produzir alimentos.



DONA RITA

Os moradores de Vila Rosali, São João de Meriti, se agruparam na formação de um "Amigos do Bairro", na tentativa de resolverem alguns dos inúmeros problemas da localidade. A reunião se deu no dia 18 de novembro, quando da apresentação, no salão da igreja N.S. de Fátima, da peça "Baixada", pelo grupo teatral "Caninhando". Ficou combinado outro encontro para o dia 9 de dezembro. Todos os moradores de Vila Rosali estão convidados.

* A AAP (Associação Amigos do Pilar) continua aguardando que o Departamento de Obras da Prefeitura resolva os problemas solicitados pelos moradores há mais de cinco meses, conforme já informamos em número anterior do Job. Como foi combinado, as obras teriam início no dia 10 de julho, o que não ocorreu devido às chuvas que transformaram o acampamento da prefeitura numa lagoa de lama. No dia 16 os trabalhos começaram pra valer mesmo, com caminhões, patrões, retas, pás mecânicas, tratores etc. No dia 17 de agosto foi tudo suspenso devido às chuvas que voltaram a cair, e até hoje nada mais se fez, a não ser pequenos e insignificantes reparos em algumas ruas do bairro. Uma das necessidades do bairro era a de uma feira-livre que não se podia ter devido ao péssimo estado de todas as ruas. Os moradores, através da AAP, conseguiram trazer uma feira para a localidade, aproveitando uma das poucas ruas recapadas pela prefeitura. Atualmente existem duas dragas

do DNOS (Departamento Nacional de Obras e Saneamento) para fazerem as novas comportas e limpar os rios Pilar e Iguazu. Os moradores precisam ficar atentos para que o serviço tenha um andamento proveitoso, pois a entrada da maré continua inundando.

* "Seu" Gilberto, morador do bairro de Amapá, Nova Iguaçu, me escreveu dizendo que não aguenta mais viver naquela localidade. O ônibus da empresa Imperador, que faz a linha Caxias-Amapá, está desaparecido, com

destino ignorado, faz 48 dias. O trabalhador que precisa dessa condução está simplesmente impossibilitado de sair de casa. A empresa alega que não manda os dois carros existentes para fazerem a linha Caxias-Amapá por causa das chuvas. Os moradores de Amapá são obrigados a acordarem 3 horas da manhã para poderem apanhar condução no Vale do Ipê. Estão sendo obrigados a pagar Cr\$ 20,00 a uma Kombi de frete, se quiserem voltar pras suas casas depois do trabalho. Quer dizer, com a miséria que se ganha, tirar todo dia essa importância pra



pagar transporte é insustentável. Segundo "seu" Gilberto, só mesmo em época de eleições é que os moradores de Amapá são bem servidos de transportes.

* Os moradores do Lote 15 estão, mais uma vez, querendo saber a quem reclamar do total abandono a que está relegado o bairro. As obras que ensaiaram fazer no início do ano estão totalmente paradas desde o mês de janeiro. Lá se vão 11 meses com toda a população do Lote 15 entregue à própria sorte. Como pobre não tem sorte mesmo, estão ao Deus dará, é claro.

* A Associação dos Bairros Reunidos estão enfrentando um novo perseguidor. Desta vez é nada mais nada menos que a nossa (nossa?) Light, que resolveu cortar, sistematicamente, o fornecimento de energia aos bairros da Baixada. É normal passar até semanas inteiras sem luz dentro das casas. Os moradores estão impedidos de ligarem seus aparelhos de televisão ou suas geladeiras. Desse jeito não pode continuar. A Associação está se reunindo para tentar fazer alguma coisa.

* Os moradores da Praça da Bandeira, em Vilar dos Teles, também estão criando sua Associação dos Amigos do Bairro, para lutar pela reivindicação de seus interesses. O bairro, como se sabe, está bem servido de valas, ruas esburacadas, saneamento deficiente e vai por aí a fora. Os moradores esperam que, com a Associação funcionando, possam chegar mais perto da resolução dos problemas da Praça da Bandeira, desde que todos se juntem em torno da Associação e dos objetivos.

* Ponto Chic, bairro afastado do centro de Nova Iguaçu, conta atualmente com apenas um orelhão. O que é um vexame. O bairro tem cerca de 3.000 moradores, aproximadamente e, não pode, de maneira nenhuma, depender de um orelhão apenas. Em caso de emergência telefônica,

como necessidade de falar com hospitais, delegacias etc, a população do bairro passa pelo maior sufoco, disputando um único posto telefônico. Vamos dar um jeito nisso, senhores administradores.

* Outro bairro da Baixada que também está, a exemplo de outros, organizando sua associação, é Vila Tiradentes, em São João de Meriti. Essa Associação de Moradores reúne-se periodicamente na Igreja São Jorge, naquele bairro. No dia 14 de outubro, com a presença de membros da FAMERJ (Federação de Associação de Moradores do Estado do Rio de Janeiro), do Sindicato dos Médicos e do Centro de Valorização da Vida, foi realizada uma reunião em que a comunidade discutiu com as entidades presentes o problema da saúde no bairro. Os moradores levantaram e criticaram as precárias e ameaçadoras condições de saúde da população do bairro e do próprio município, tomando como ponto central de referência a total falta de saneamento básico, pronto socorro, hospitais etc. Da reunião foi extraído um relatório que, junto com relatórios de outros bairros, será entregue às autoridades pela FAMERJ e Sindicato dos Médicos. No dia 21 de outubro a Associação dos Moradores de Vila Tiradentes voltou a se reunir discutindo, dessa vez, a anistia no Brasil.

* Os Moradores do conjunto Novo Rio, cansados da incompetência das autoridades de São João de Meriti, resolveram se organizar e formaram um Mutirão para tentar solucionar, pelo menos em parte, os diversos problemas do conjunto. Estão realizando obras nas estradas que dão acesso ao local, aierrando, fazendo calçadas, limpando ruas, valas etc. Descobriram que só assim, juntando os esforços, conseguirão fazer alguma coisa em benefício da comunidade. Quem sentou no chão, tranquilamente, para esperar pelas "autoridades", está esperando até hoje.

BAIXO ASTRAL

Professor Dementel



Após uma profunda meditação transcendental que me custou uns bons dois minutos, cheguei à conclusão que o zodíaco tradicional está completamente errado. Após me concentrar por mais uns quarenta segundos, descobri a fórmula ideal de um horóscopo para o Brasil. E principalmente para a Baixada. Aqui está ele:

PRESUNTO

(para os nascidos de pés juntos) — Este é um mês de grandes surpresas para o

coração. Ele poderá ser atravessado por uma bala por uma faca, se o presuntiano resolver sair de casa à noite.

PRESTAÇÃO

(para os nascido entre 30 e 300%) — Sorte nos negócios. O valor acumulado daquela prestação atrasada vai dar no milhar do jogo do bicho. Mas os nativos deste signo devem tomar cuidado, pois o prêmio não dará para pagar o total atrasado. Ele fica para a loteria esportiva.

SALÁRIO

(para os nascidos entre 1/1 a 31/12) — Grandes alegrias para os salarianos no setor financeiro. Você vai gastar muito mais e pensar que está ganhando bem. Só vai pensar, pois vai comprar muito menos, já que está tudo muito mais caro.

CONDUÇÃO

(para os nascidos entre às 5 da manhã às 9 da noite) — Boa perspectivas. Seu ônibus vai passar pelo ponto, vai parar no ponto... mas não se surpreenda, pois chegará atrasado no trabalho e cortarão o seu ponto.

SUFOCO

(para os nascidos aqui) — Os sufocanos terão um mês fora do comum. Dentre todos os sufocos normais do dia-a-dia, os nativos deste signo não terão que

enfrentar a fila do INAMPS. Mas não se preocupem, sufocanos, haverá o próximo mês... e a fila não vai sair de lá.

ASSALTO

(para os nascidos) — Completa segurança para você e sua família. Não

haverá ninguém à sua frente, com más intenções, querendo roubar o que é seu. Entretanto, para isso, você não deve, de maneira nenhuma, entrar num açougue. Por via das dúvidas, evite também os supermercados e as feiras.

CANTINHO DO CHORO

FELIZARDA SALARIAL

— Prof. Dementel, o meu marido ganha apenas o salário, e isso só dá pra gente comer e morar. É o resto?

— Cara Felizarda, se você e o seu marido conseguem comer e morar com o salário, não se preocupem com o resto. Basta cobrarem entrada das pessoas que qui-

serem ver você. Garanto, que ficarão ricos.

SIM-PATICA RACIONAL

— Prof. Dementel: a situação está cada vez pior. Não há mais quem agüente. Apesar disso, a gente sempre é obrigada a dizer "sim" para tudo.

O que fazer?

—Minha cara Sim-pa'tica: você já experimentou dizer "não"?

ESCOLAS: TUDO ERRADO NA BAIXADA.

“Os problemas da educação na Baixada Fluminense estão vinculados a todos os outros problemas que o Brasil possui. A educação vai refletir todos os bloqueios que o nosso povo encontra para uma vida digna” — diz Sada Baroud David, professora do Estado que leciona no Instituto de Educação de Nova Iguaçu. Ela também é professora do Município do Rio, ensinando na Escola Paraíba, em Anchieta.

Continua ela: “Sabemos que a situação do professor já constitui um problema. Se pensarmos em nosso aluno, a situação fica mais grave ainda. Principalmente, tratando-se do aluno de

Escola Pública. Todo mundo sabe que nossa criança chega carente à escola. É a falta de alimentos, falta de material didático, pouco tempo de aula, distância entre escola e pais, falta de acompanhamento em casa. Os currículos estão desintegrados da vida do aluno. Os cursos nada têm a ver com as necessidades reais do estudante e do meio em que ele vive.”

POLÍTICOS MANDAM

Quanto aos problemas da situação do professor e como isso tem conseqüências na qualidade do ensino, Sada explica. “Basta observar que

com baixos salários, o professor é obrigado a pular de um lado para outro, para conseguir sobreviver. Esse professor que dá até 15 aulas por dia, como pode ser uma pessoa em condições de dar boas aulas? Quando se prepara? Quando estuda? Quando lê jornal? E compra livros?”

“É claro que a melhoria do ensino não se consegue só com melhores salários” — continua Sada. “Os próprios alunos, quando melhor instruídos, eles mesmos fazem exigências. Vejo aí um caminho para a afirmação do próprio CEP (Centro Estadual de Professores). A melhoria do ensino é a grande meta do nosso movimento: providenciar cursos, encontros, treinamentos, debates, para conseguirmos mudanças de várias ordens e que influem no ensino. Um exemplo: a participação do professor na escolha de coordenadores da Escola, de

diretores e até chefes de CRECT (Centro Regional de Educação Cultura e Trabalho) e DEC (Distrito de Educação e Cultura). Cabe aos professores a indicação de pessoas que eles julguem capazes para assumir essas funções. Até agora as indicações ainda estão nas mãos de políticos.”

ENSINO RUIM

Sobre o movimento dos professores hoje, Sada conta que “como as outras categorias profissionais, os professores também têm dificuldades de levar avante um movimento. Falta vivência de classe. O nosso individualismo ainda é a linha de ação. Isto é, depois que o meu problema está resolvido, será que vale a pena pensar nos outros professores, ou nos outros brasileiros? Mesmo com essa dificuldade de manter a articulação entre os

professores, há tentativas de continuarmos a luta, pois o movimento não existe só para desencadear greves e reivindicar salários. Outros projetos existem: conseguir maior número de filiados ao movimento, a reabertura da entidade, no caso o CEP, promover encontros com temas pedagógicos e sociais.”

Sada lembra também que as reivindicações dos professores não são só deles, mas envolvem também todos os que dependem do trabalho do professor. “Uma vez comprometido o trabalho do professor, há o comprometimento também de uma grande massa de brasileiros. Mais de 50% da população brasileira é constituída de jovens e crianças. Um ensino comprometido, fraco, incapaz de atender às exigências a que o nosso povo tem direito, só está contribuindo para que a população adulta de amanhã seja igualmente incapaz.”

ADVOCACIA EM GERAL
Dr. Pierre François
Av. Brás de Pina,
38/208 B — Penha
Tel. 270-4344.



SERVE-BEM DROGARIA LIMITADA
VARIADO ESTOQUE DE MEDICAMENTOS E PERFUMARIAS QUENHA PREÇO DO BARRO
Rua...
CAXIAS, RJ - Centro...
Tel. 771-7074



DANIEL DE ARAÚJO
AUTO ESCOLA
Serviço de Abilitação em geral
— MATRIZ —
Av. Pres. Kennedy, 2257
Tel: 771-7901
Centro — D. Caxias — RJ
— FILIAL —
Av. Mineira, 380 — Loja 1 —
TEL. 756-0412
Vila Rosali — S. J. Meriti-RJ

CLÍNICA DENTÁRIA
MATRIZ LTDA
Cirurgia, endodontia, dentisteira, prótese e raio x.
Rua da Matriz, 155, Sobrado São João de Meriti

JORNAL DA BAIXADA
CUPOM DE ASSINATURA
— Assinatura por 12 edições: 150,00
— Envie cheque nominal ou vale postal para:
Editora Olho Vivo Ltda.
Av. N.S. das Graças, 138,305 — S.J. de Meriti
Nome:
Profissão:
Endereço:
CEP:..... Cidade:..... Estado:

Água em Covanca só quando chove.
Dona Josefa, de Covanca, Caxias acha que o prefeito tem raiva do morro: “O lugar é completamente esquecido pelas autoridades. Só existe um colégio da prefeitura, os outros são particulares. Na rua principal que dá acesso ao comércio, não há sinalização e várias pessoas já foram atropeladas”. Mas não é só isso, diz dona Josefa. “Na rua não tem água. Os moradores usam água de poço. Na época de estiagem, o poço seca e os moradores têm que ir buscar água num largo bem distante. E o próprio poço não oferece condições de higiene: a água vem barrenta. Falta esgoto e calçamento também. As ruas têm muitas valas, o que além de ser foco de mosquito, prejudica a entrada das casas”.
Dona Josefa reclama que os assaltos também são constantes. “Não existe iluminação nas ruas. Se o morador quiser a frente de sua casa iluminada,

ele é que deverá tratar pessoalmente com a Light e pagar as despesas. Diversão também é claro que não há. Só se for bang-bang. Às seis horas da noite, já se pode escutar a troca de tiros entre os bandidos”.
“Muitos abaixo-assinados já foram feitos” — conta Dona Josefa — “e levados à Prefeitura. Mas só em época de eleição é que as promessas aparecem. Teve uma vez que apareceram trabalhadores da prefeitura medindo a rua para projeto de calçamento. Mas só ficaram nisso. Até hoje os moradores esperam o calçamento.”

Despejos: BNH não resolve nem sai de cima.
Os moradores dos conjuntos residenciais construídos com dinheiro do BNH se reuniram em Assembléia no dia 11 de novembro, no Colégio das Irmãs em Nova Iguaçu. Representantes de quatorze conjuntos, mais de 3:000 moradores, se reuniram para procurar soluções para seus problemas e prosseguir em sua luta. Os moradores já conseguiram evitar o prosseguimento dos despejos mandados executar pelas financeiras.
Estiveram presentes na Assembléia moradores dos conjuntos *Esplanada, Caiobá, Grande Rio, Monte Libano, Santa Amélia, Manoel João Gonçalves, Parque Saveiro, Maria Inês, Botafogo, Compactor, Rosa dos Ventos, Nova Califórnia e Parque Boa Vista*. Todos os diretores do BNH e o Ministro do Interior, Mário Andreazza, foram convidados. Ninguém deu o ar de sua graça na Assembléia. Nem enviaram representantes.
DENÚNCIAS VIOLENTAS
Os representantes dos conjuntos se preocuparam em denunciar diferentes aspectos da política habitacional posta em prática pelo Banco Nacional da Habitação (BNH). Altair, do bairro Botafogo, destacou a precariedade do saneamento básico, a má qualidade do material de construção e a falta de áreas de lazer.
Um exemplo das más condições em que as casas foram entregues foi citada por Paulo Mendes de Oliveira, morador do conjunto Monte Libano. As casas foram entregues sem água. Os moradores precisaram se juntar para instalar os canos.
No conjunto Manoel João Gonçalves, um dos mais atingidos pelos despejos, o “seu” Murilo, criticou a política do BNH, criado no governo Castelo Branco com o dinheiro do Fundo de Garantia por Tempo de Serviço — FGTS — para dar casa para os trabalhadores, e não cumpria essas finalidades. Dona Luiza Braga, moradora do mesmo conjunto, denunciou ter sido pressionada por um Oficial de Justiça para sair da casa construída com o dinheiro do FGTS.
Outro exemplo de violência mencionada: os móveis da casa de José Lopes, morador da Rua Rubens Oliviera, 142, foram jogados na rua. Ele pediu que o BNH fosse transformado num Banco de assistência social e que as financeiras particulares não entrassem no negócio da casa popular.

FIM DAS ENTRADAS
A maioria dos representantes dos conjuntos declarou que desejavam que o BNH tratasse diretamente do problema da casa popular, afastando as financeiras particulares. Para os moradores dos conjuntos é importante que o banco acabe com a exigência da entrada, considerada extorsiva. “O interesse das financeiras é incompatível com a paz e a justiça social”, diziam os moradores.
Essas reivindicações apareciam também nas faixas levadas pelos moradores: “Pagar sim, ser explorado não”, “BNH sim, financeiras não” e “Queremos mensalidades ao alcance de todos.”
O representante do conjunto Santa Amélia, finalizando, disse “lamentar a ausência das autoridades que não compareceram para ouvir os trabalhadores, porque o dinheiro dos trabalhadores tem que ser entregue a empresas honestas.”



ARREBITE



TRABALHADOR ABRE CENTRO DE CULTURA.

O Centro Cultural do Trabalhador, o CECUT, já existe. Seu objetivo: divulgar e promover atividades culturais dos trabalhadores; realizar cursos, seminários e conferências; manter intercâmbio com outras entidades semelhantes em todo o país e criar instrumentos de informação para o trabalhador. É um centro de cultura criado pelos trabalhadores ou para os trabalhadores.

Na cerimônia de posse da primeira diretoria, dia 27 de outubro, no Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, o poeta Ferreira Gullar fez uma conferência sobre "A cultura e o trabalhador". Ele deixou bem claro a importância do CECUT quando contou a experiência do CPC, antes de 1964. Gullar e seus companheiros do CPC — Centro Popular de Cultura — estiveram ali no sindicato dos metalúrgicos, querendo criar um movimento cultural com os operários. Mas por mais bem intencionada e louvável, era uma atitude de fora para dentro:

eram intelectuais, de fora, que tentavam, através de movimentos culturais, se ligar ao povo. "Hoje não, é diferente", — enfatizou Gullar. O CECUT nasceu de dentro, das necessidades e da iniciativa dos próprios trabalhadores. Os intelectuais hoje são convidados e não são os autores do movimento. Sem dúvida, isto já nos mostra a força e o sentido do Centro Cultural que surge, depois de um profundo processo de discussão entre os trabalhadores, para expressar as necessidades vividas pelos trabalhadores.

Silvio Bernardes Rodrigues, metalúrgico, presidente do Centro, explica mais o que é o CECUT: "É uma iniciativa pioneira no Rio de Janeiro, uma exigência da organização dos trabalhadores. O CECUT pretende ser um suporte da cultura operária. Lugar para que o trabalhador possa desenvolver seu potencial criativo e contribuir para uma cultura verdadeira, livre da massificação e da imposição das grandes agências de publicidade".

Além da Diretoria, o CECUT conta com um Conselho Consultivo formado por trabalhadores de reconhecida experiência dos problemas operários. O seu Costa, membro do Conselho Consultivo, no discurso de posse, lembrou que "as obras grandiosas dos grandes palácios e catedrais são efetuadas por rudes operários. As máquinas tão sofisticadas, tão obedientes ao seu manejo, são a grandeza de sua inteligência e — porque não dizer? — de sua cultura. Mãos e inteligência que tudo criam e produzem para as necessidades mais prementes do ser humano. Grandes e pequenas obras são idealizadas e executadas pelo rude proletário, embora só alguns poucos se beneficiem da sua produção".

Depois da cerimônia de posse dos primeiros dirigentes do Centro, houve uma exposição de artes plásticas e o lançamento do livro "O importante é a gente dizer o que pensa", de Vilma Costa. A sede do CECUT é na Rua Lucas Rodrigues, 62, apt. 301, Parada de Lucas, Rio.

Comerciários querem semana inglesa, presidente manobra contra.

Os comerciários de Nova Iguaçu estão lutando pela semana inglesa no horário comercial. Ou seja, que no sábado só trabalhem meio período. Mais de 2.000 pessoas, no dia 25 de outubro, saíram em passeata pelo centro comercial de Nova Iguaçu. Gritando "queremos 80% senão vamos parar", os comerciários carregavam faixas e cartazes e foram fechando as lojas e galerias, convocando os comerciários para a Assembléia a ser realizada naquele mesmo dia.

Mas, na Assembléia, as coisas saíram muito diferentes do que se esperava. O

Presidente do Sindicato impediu vários comerciários que queriam falar e preferiu dar a palavra ao prefeito da cidade e ao presidente do Clube I.B.C. (Iguaçu Basquete Clube), onde estava sendo realizada a Assembléia. A categoria dos comerciários ficou revoltada: os dois senhores nada tinham a ver com o movimento. Quando perguntaram ao presidente do Sindicato se o movimento pela semana inglesa poderia chegar à greve, ele não vacilou em responder. "Sou contra a greve, o Trabalhador tem que pensar só em trabalhar".

Professores de São João fazem eleições: Clóvis ganhou.

Em São João de Meriti, apesar da repressão por parte do governo de Chagas Freitas, e dos diretores dos colégios que tentaram impedir as eleições para o CEP (Centro Estadual dos Professores), proibindo que se colocassem urnas nos colégios, o professorado participou efetivamente. A chapa Resistência foi a vitoriosa para o CEP do

Núcleo Municipal. O programa da chapa eleita está centrado em três pontos. Primeiro, melhores condições de trabalho para o professor. Segundo, política educacional voltada para os interesses da população. Terceiro a democratização do ensino. O presidente da chapa é o professor Clóvis de Oliveira Filho.

CHICO BÉ



NO ACORDO FIRMADO entre patrões e empregados, após 12 dias dramáticos de greve, a FIAT se comprometeu a corrigir as alarmantes diferenças salariais existentes entre trabalhadores que exercem a mesma atividade. A empresa apresentaria, em tempo hábil, estudo visando corrigir o problema. Tal estudo foi enviado ao Sindicato dos Trabalhadores para sugestões e emendas, no dia 14 do mês passado. Só que, como era de se esperar, não corrigiu rigorosamente nada. Trata-se de um estudo farto de truques e artimanhas empresariais, que não equipara salário de ninguém, não acerta coisa nenhuma. Propõe a criação de cinco faixas para cada função. Isso, para quem não sabe, é um velho e conhecido truque pa-

tronal, com o objetivo claro e cristalino de isolar os trabalhadores entre si. Eles sabem perfeitamente que é mais tranquilo driblar quando os trabalhadores estão cada um por si e Deus contra todos. A fixação dessas faixas salariais tem como critérios básicos quatro itens, elaborados pelos chefes e chefetes da Fiat: Qualidade de Trabalho, Quantidade de Trabalho, "Colaboração" e Disciplina. Isso é maldade pura, uma vez que tal avaliação jamais poderá ser feita com imparcialidade. Esse "colaboração" então, nem se fala. Quer dizer que para o trabalhador ter os seus direitos respeitados, ele tem que "colaborar" com o patrão? Essa colaboração especifica na minha terra tem outro nome. Chama-se: "puxa-

saco". Bem, mas o mais importante de tudo isso, dessa lenga-lenga toda, é que os trabalhadores estão decididos a não aceitarem o tal estudo da Fiat. A Delegação Sindical informa que, ou sai a equiparação justa, ou vai ter briga novamente. E tá certo!

A USIMECA TRAIU OS TRABALHADORES. Está dispensando em massa os profissionais que participaram da última greve dos metalúrgicos. Outro dia mandou embora um torneiro mecânico, proibindo que ele voltasse à fábrica para receber o aviso prévio. Nem a roupa deixada no interior da fábrica, o trabalhador teve o direito de pegar.

A SAUER METALÚRGICA, recentemente encampada por uma firma americana, está passando dos limites (se é que existe limite nessa história). Salários atrasados, insalubridade não paga, falta total de segurança no ambiente de trabalho. E para desespero dos trabalhadores, começa a correr agora o boato de que a fábrica vai pedir falência. E como todo mundo sabe, nesse lero-lero de falência só existe um

prejudicado: o empregado da falida.

A IMESA METALÚRGICA está lançando mão do conhecido jogo maldoso da rotatividade. Acaba de demitir 97 empregados, do total de 114 que tinha até o mês passado. A Imesa não é exatamente uma empreiteira, mas presta serviços a outras fábricas. Como na época do Natal as suas encomendas diminuem, ela provoca o desemprego, para na fase das vacas gordas voltar a contratar mão-de-obra. Por salários mais baixos, é claro. E para não fugir à regra, a Imesa também oferece péssimas condições de trabalho a seus empregados. A máquina de solda da fábrica, por exemplo, fica o tempo todo aberta, expelindo gás, fumaça e raios ultra-violeta o dia inteiro. E tem mais: o papel higiênico que ela fornece a seus empregados é estopa e jornal.

OS OPERÁRIOS DA BRAHMA estão botando a boca no trombone e reclamando do direito líquido — põe líquido nisso — e certo de receberem o adicional de insalubridade, cujo pagamento foi suspenso em maio de 78. O Sindicato das Indústrias de Cerveja e Bebidas em Geral entrou com protesto na justiça e ganhou a causa na 1ª e 2ª instância, mas a Brahma entrou

com recurso. A alegação da empresa, para deixar de pagar a insalubridade, é que comprou uns aparelhos de ouvido que diminuem o barulho. O que eles precisam saber, é que insalubridade não é só o barulho, não. E segundo depolimentos de empregados, a Brahma é inteiramente insalubre da entrada até os fundos. No próximo dia 22 de dezembro vai haver uma grande reunião na sede do Sindicato, Rua Gonçalves Crespo, 205, Tijuca, para discutir melhor essa história toda. Na oportunidade, o Sindicato das Indústrias de Cerveja e Bebidas estará comemorando 47 anos. Longa vida!

E atenção para as últimas notícias da Emaq: — Dois operários por dia encostados com manchas no pulmão! — Um menino da limpeza morreu com a cabeça esmigalhada pelo guindaste! — Outro levou choque elétrico no porão do navio!

A última do Figó — Moçada, segura as pontas que a barra vai pesar. O general Figueiredo disse outro dia que a solução é simples: rico tem que andar de taxi, e classe média passa a usar ônibus. E aonde esse pessoal vai caber no ônibus? Figueiredo, pára de brincadeira menino!